

RAÇA E OPORTUNIDADES EDUCACIONAIS NO BRASIL

CARLOS A. HASENBALG

do Centro de Estudos Afro-Asiáticos e do IUPERJ e

NELSON DO VALLE SILVA

do Laboratório Nacional de Computação Científica LNCC/CNPq

RESUMO

O artigo caracteriza a desigual apropriação das oportunidades educacionais por parte de brancos e não-brancos no Brasil, apontando os efeitos acumulados da discriminação racial no âmbito da educação formal. Com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar – PNAD de 1982 e em seu suplemento especial sobre educação, descrevem-se as trajetórias educacionais dos grupos de cor branca, preta e parda, onde se evidenciam as desvantagens no acesso à escola e no ritmo de progressão escolar por crianças não-brancas, que resultam em profundas desigualdades educacionais em nossa sociedade.

ABSTRACT

The article shows the unequal appropriating of educational opportunities by whites and non whites in Brazil, pointing to cumulative effects of racial discrimination in the scope of formal education. Based on data from 1982 PNAD (National Home Sampling Survey) and its special supplement on education, the article describes the schooling paths of white, black and coloured groups, showing clear disadvantages of non whites – in terms of access to school and of rythm of school progress – which result in deep educational inequalities in Brazilian society.

O ritmo acelerado dos processos de industrialização e urbanização ocorridos nas últimas três décadas mudou radicalmente a fisionomia da estrutura social do Brasil. A despeito do montante destas transformações estruturais, um número crescente de estudos empíricos indica que a população preta e parda (ou não-branca) está exposta a desvantagens sistemáticas em dimensões demográficas e sócio-econômicas de qualidade de vida tais como mortalidade infantil, expectativa de vida ao nascer, oportunidades de mobilidade social, participação no mercado de trabalho e na distribuição de renda. A evidência acumulada aponta para a conclusão de que níveis crescentes de industrialização e modernização da estrutura social não eliminam os efeitos da raça ou cor como critério de seleção social e geração de desigualdades sociais. Este trabalho pretende mostrar como as desvantagens associadas à adscrição racial também ocorrem na esfera educacional.

A pesquisa sociológica sobre educação, seguindo uma modalidade de trabalho vigente em áreas mais consagradas das ciências sociais no país, tem negligenciado amplamente a dimensão racial e seus efeitos na distribuição de oportunidades educacionais entre diferentes grupos da população. É ilustrativo a este respeito o fato de que o levantamento de Zaia Brandão (1982) sobre o estado da arte da pesquisa sobre evasão e repetência no ensino de 1º grau no Brasil não consiga arrolar uma só pesquisa que considere raça ou cor como determinantes da escolaridade. Uma variável que deveria ser crucial neste campo de investigação é simplesmente ignorada pelos estudiosos do tema. Tudo se passa como se o Brasil fosse uma sociedade racialmente homogênea ou igualitária, onde os grandes vilões da história, em termos de acesso diferencial à educação, são as desigualdades de classe e *status* sócio-econômico.

É só em período muito recente que este quadro da pesquisa educacional começou a mudar em alguma medida, devido à atuação de educadores e ativistas negros no sentido de detectar e denunciar os conteúdos racistas transmitidos pelo sistema formal de ensino. Através de pesquisas, seminários e publicações, este grupo de estudiosos e ativistas tem demonstrado uma preocupação com os efeitos deletérios desses conteúdos racistas sobre a formação da identidade racial do alunado negro. As críticas têm se centrado na estrutura do currículo escolar (que exclui temas como história da África e do negro no Brasil, vistas como fontes de uma identidade racial positiva) e na maneira estereotipada e preconceituosa com que o negro é apresentado nos livros didáticos¹. Estas iniciativas têm posto em contato e aberto o debate entre militantes do movimento negro, educadores e cientistas sociais, abrindo assim um espaço para discutir a questão do racismo na educação. Contudo, tanto as reivindicações relativas à educação formuladas por grupos negros organizados quanto os poucos projetos implementados em torno da educação do negro, ao enfatizar o eixo cultura e identidade racial, têm privilegiado os conteúdos transmitidos pelo sistema escolar em detrimento de outros fatores que condicionam a experiência educacional de pretos e pardos.

Outra linha de indagação relevante para o tema deste trabalho é a que se refere a raça e mobilidade social. A literatura sociológica recente sobre relações raciais tem chamado a atenção para o papel desempenhado pela edu-

cação no processo de mobilidade social de brancos e não-brancos. Estes estudos apontam para duas tendências na mobilidade dos grupos de cor: (a) pretos e pardos obtêm níveis de escolaridade consistentemente inferiores aos dos brancos da mesma origem social e (b) os retornos à escolaridade adquirida, em termos de inserção ocupacional e renda, tendem a ser proporcionalmente menores para pretos e pardos do que para os brancos (Hasenbalg e Silva, 1988, caps. 5 e 6).

Conjuntamente, essas duas tendências dão conta dos mecanismos que tendem a confinar os não-brancos na base da hierarquia social, aproximando suas realizações educacionais à dos degraus inferiores do sistema de estratificação. Por sua vez, a primeira tendência alerta para o fato de que, ao longo de suas trajetórias educacionais, pretos e pardos estão expostos a desvantagens vinculadas especificamente a sua adscrição racial.

Uma das poucas pesquisas sobre educação e raça, cujos resultados apontam nesta direção, foi desenvolvida recentemente na Fundação Carlos Chagas para diagnosticar a situação educacional do negro em São Paulo. Este trabalho utiliza um conjunto diversificado de indicadores para aferir a trajetória educacional de brancos e negros. Uma das indagações básicas aí é determinar se, em igualdade de condições sócio-econômicas, as oportunidades de acesso e permanência na escola são iguais para crianças e jovens brancos e negros. Entre outras coisas, verificou-se que, controlando o rendimento familiar *per capita*: (a) a taxa de escolarização de negros é inferior à dos brancos, (b) os brancos apresentam uma percentagem maior de crianças sem atraso escolar e (c) maior proporção de alunos negros freqüenta as escolas que oferecem cursos com menor número de horas de aula (Rosemberg, 1986, cap. 3)

Os dados oficiais disponíveis sobre os níveis de instrução atingidos pela população brasileira segundo a cor são mais do que eloqüentes para caracterizar a desigual apropriação das oportunidades educacionais por parte de brancos e não-brancos e os efeitos acumulados da discriminação racial no âmbito da educação formal. Em 1980 a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 a 64 anos de idade era de 14,5% entre os brancos e 36,5% para pretos e pardos. No extremo oposto da pirâmide educacional, 4,2% de brancos e apenas 0,6% de não-brancos tinham obtido um diploma de nível superior. Em resumo, não só a taxa de analfabetismo dos não-brancos é mais de duas vezes superior à dos brancos, como os membros desse último grupo contam com probabilidades sete vezes maiores de completar outros estudos universitários².

A descrição das trajetórias educacionais e o diagnóstico da situação educacional dos grupos de cor, que se seguem, estão baseados nas informações do corpo básico

1 Sobre o livro didático ver, por ex., Silva (1988). Os anais de dois seminários em que estes temas ocupam lugar central estão publicados em número especial dos *Cadernos de Pesquisa* (1987) e em Melo e Coelho (1988). Para uma resenha abrangente da pesquisa sobre racismo nos livros didáticos, ver Negrão (1988).

2 Cálculos baseados na amostra de 0,8% do Censo Demográfico de 1980. O corte etário acima dos 14 anos é usado para caracterizar somente a população que já passou pela idade de escolaridade obrigatória.

e do suplemento especial sobre educação da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar — PNAD de 1982 (Fundação IBGE, 1983). Serão considerados unicamente os dados dos grupos de cor branca, preta e parda, excluindo-se da análise o grupo de cor amarela, os sem declaração de cor e sem informação, que representam somente 0,6% do total de casos. Para alguns propósitos, serão utilizados os dados sobre todas as pessoas entre 7 e 24 anos de idade residentes em domicílios registrados na PNAD. Contudo, ênfase especial será dada ao grupo de idade de 7 a 14 anos, já que essas idades constituem, legalmente, as de escolarização obrigatória. Neste sentido, a norma ideal de todas as crianças ingressando aos sete anos de idade na primeira série do 1º grau e completando a oitava série deste mesmo 1º grau aos 14 anos de idade será levada em conta para avaliar o desempenho dos grupos de cor no sistema de ensino básico.

AS DESIGUALDADES DE RESULTADOS

Antes de considerar as várias fases da trajetória escolar dos grupos de cor, isto é, admissão, progressão e atraso escolar, repetências e evasões, convém apresentar um quadro geral da estrutura das desigualdades educacionais entre esses grupos. Esta informação está contida na Tabela 1, que mostra os anos de escolaridade completados por diferentes grupos etários entre 7 e 24 anos, segundo a cor.

Observando primeiro a escolaridade do grupo de 7 a 14 anos de idade, que se encontra na faixa de freqüência obrigatória à escola, chama a atenção a proporção elevada dos que não obtiveram nenhuma instrução ou não conseguiram transpor a primeira série do ensino básico. Essa proporção que, segundo a norma ideal, deveria estar em torno de 1/8 ou 12,5% dos casos, é de 32% para os brancos, e se eleva à metade dos grupos de pretos e pardos, o que sugere os problemas de dificuldade de acesso às escolas e de ingresso tardio nelas.

O segundo grupo, entre 15 e 19 anos, representa a geração ou coorte de idade que teoricamente teria acabado de passar pelo sistema de ensino de 1º grau. Chama a atenção, em primeiro lugar, a existência, nesta faixa etária, de um contingente não desprezível de pessoas que conti-

nuam sem nenhuma instrução ou não conseguiram superar o obstáculo da primeira série. É o caso de 5,5% do grupo branco e de uma proporção mais de três vezes superior, acima de 17% de pretos e pardos. Por outro lado, quando se deveria esperar que todas as pessoas nesta faixa etária já tivessem completado as oito séries obrigatórias do 1º grau, nota-se que só 31,6% dos brancos e apenas 10,6% dos pretos e 12,7% de pardos conseguiram esse resultado ou foram além dele.

Na coorte de idade de 20 a 24 anos, em que aproximadamente 90% dos homens e 40% das mulheres já estão incorporados na população economicamente ativa — e as possibilidades de uma volta aos estudos para aqueles que pararam de freqüentar o sistema de ensino são muito reduzidas — as desigualdades de oportunidades de escolarização entre brancos e não-brancos estão cristalizadas e indicam o diferente acervo educacional com que esses grupos iniciam o ciclo de vida adulta. Pretos e pardos têm uma probabilidade três vezes maior que os brancos de continuar sem instrução ou sem completar a primeira série de ensino. Enquanto mais da metade dos brancos desse grupo etário (52,8%) conseguem pelo menos completar os oito anos de estudo obrigatório do 1º grau, 71,6% de pretos e 68,7% de pardos ficam aquém desse nível de instrução. Nota-se, finalmente, que o grau mais acentuado de desigualdade de oportunidades entre grupos de cor se estabelece no nível de ensino superior, onde 13,6% de brancos, 1,6% de pretos e 2,8% de pardos conseguiram ingressar. Isto significa que ter cor de pele branca no Brasil representa o privilégio de ter 8,5 vezes mais chances com relação aos pretos e quase cinco vezes mais probabilidades relativamente aos pardos de ter acesso às universidades. Neste aspecto da distribuição entre grupos de cor das oportunidades de ingresso ao ensino superior, o Brasil encontra-se mais perto da África do Sul do que dos Estados Unidos, onde em 1980 os brancos tinham chances 1,4 vezes maior que os negros de ingressar nesse nível educacional. Em suma, este quadro geral das realizações educacionais dos grupos de cor mostra que pretos e pardos estão expostos a um grau maior de atrito em seu trânsito pelo sistema escolar, o que faz com que iniciem a etapa de vida adulta com uma considerável desvantagem em termos de educação formal.

TABELA 1

Distribuição percentual da população de 7 a 24 anos por anos de estudo, segundo faixa etária e cor Brasil, 1982

ANOS DE ESTUDO	FAIXA ETÁRIA E COR								
	7 a 14 A.			15 a 19 A.			20 a 24 A.		
	BRANCOS	PRETOS	PARDOS	BRANCOS	PRETOS	PARDOS	BRANCOS	PRETOS	PARDOS
0 a menos de 1	31,9	49,7	50,0	5,5	17,5	17,3	5,1	15,4	14,4
1 a 4	55,2	46,1	44,9	31,8	45,8	44,7	27,2	37,0	37,1
5 a 7	11,6	4,2	5,1	31,0	25,9	25,1	14,7	19,2	17,2
8	0,3	—	—	12,7	5,9	6,2	10,7	9,7	8,7
9 a 11	—	—	—	18,1	4,6	6,4	28,5	16,9	19,6
12 e mais	—	—	—	0,8	0,1	0,1	13,6	1,6	2,8
outros*	—	—	—	0,1	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD 1982.

* sem informação e/ou sem declaração de cor.

O ACESSO À ESCOLA

O passo seguinte da análise consiste no exame do acesso à escola, para determinar, em cada geração ou grupo de idade, a proporção dos que vão ser absorvidos pelo sistema de ensino e aqueles que nunca entrarão nele. Em trabalho recente e importante, que modificou uma série de concepções erradas sobre o ensino de 1º grau no país, Philip R. Fletcher e Sérgio Costa Ribeiro (1987) mostram que o ingresso na primeira série do 1º grau é quase universal no Brasil. Analisando também os dados da PNAD 82, estes autores concluem que 90% das pessoas em cada geração ou coorte de idade têm acesso ao ensino hoje no Brasil. Na região mais problemática, o Nordeste, apenas 79% de cada coorte conseguem entrar no 1º grau. Com isto, o Nordeste, que conta com 33% da população nacional em idade escolar, concentra 70% dos que não têm acesso à escola hoje em dia no Brasil (Fletcher e Ribeiro, 1987, p.1-2). Contudo, ao se introduzir a variável cor, esta conclusão deve ser qualificada, na medida em que crianças e jovens não-brancos estão expostos a uma séria desvantagem nesta dimensão de acesso ao sistema escolar. Os dados da Tabela 2 indicam a proporção, para todo o país, das pessoas de 7 a 24 anos de idade que nunca freqüentaram a escola, segundo a cor.

TABELA 2

Percentagem do número de pessoas de 7 a 24 anos que nunca freqüentaram a escola, segundo idade e cor Brasil, 1982

IDADE	COR		
	BRANCOS	PRETOS	PARDOS
7	39,3	54,8	55,7
8	14,8	35,7	33,8
9	9,5	24,3	23,6
10	6,8	20,7	20,3
11	5,4	14,5	14,9
12	6,0	17,9	16,2
13	4,8	15,1	14,0
14	5,0	15,5	13,9
15 a 19	4,9	15,3	14,9
20 a 24.	4,7	14,5	13,6

Fonte: PNAD 1982.

Nota-se, primeiro, que aos 7 anos de idade há uma proporção elevada de crianças que ainda não tiveram acesso à escola, em torno de 40% de brancos e 55% de pretos e pardos. A partir dessa idade, no caso do grupo branco, a absorção pelo sistema escolar processa-se rapidamente, atingindo o nível de 95% aos 11 anos de idade. Dessa idade em diante, a proporção de crianças brancas que continua sem ter acesso à escola se estabiliza em torno de 5%. Entre as crianças pretas e pardas, o decréscimo na proporção dos que não têm acesso é mais lento à medida que aumenta a idade. De mais da metade sem acesso aos 7 anos de idade, essa proporção passa para perto de 15% aos 11 anos e se estabiliza em torno desse valor nas idades mais elevadas. Isto significa que uma proporção mais elevada de crianças não-brancas ingressa

tardamente na escola — com as conseqüências negativas deste fator para o desempenho escolar — e, também, que a proporção de pretos e pardos que não têm acesso à escola é três vezes maior que a dos brancos.

Como é razoável esperar, esta dimensão de acesso ao sistema formal de ensino das pessoas em idade escolar varia consideravelmente entre as regiões do país, na medida em que o desenvolvimento econômico regional e o nível de urbanização da população condicionam o grau de abertura do sistema escolar. Assim, por exemplo, em São Paulo, nas idades entre 11 e 14 anos a proporção de crianças que nunca ingressaram na escola é de aproximadamente 2% para os brancos e pouco menos de 5% para os pretos e pardos. No extremo oposto, o Nordeste ocupa a pior posição. Nesta região, para as mesmas idades, a proporção dos que não entram na escola oscila entre 16 e 20% no grupo branco e de 22 a 31% no caso de pretos e pardos. Certamente, o Nordeste é a região que mais contribui, em números relativos e absolutos, para o contingente de pessoas que vão chegar à vida adulta analfabetos. Com a exceção do Centro-Oeste, que apresenta o segundo pior desempenho nesta dimensão, nas demais regiões do país a proporção de crianças em idade escolar sem acesso ao ensino é inferior à média nacional, sempre mantido o diferencial racial favorável ao grupo branco.

Constatada a disparidade racial na probabilidade de ter acesso à escola, que opera em detrimento de pretos e pardos, cabe indagar sobre os motivos da mesma. É razoável supor, por um lado, que as chances de ingressar na escola variam em função da situação sócio-econômica das famílias a que as crianças pertencem. Por outro lado, sabe-se que pretos e pardos concentram-se desproporcionalmente nas camadas mais pobres da população. Resta então saber se a diferença sócio-econômica entre as famílias de crianças brancas e não-brancas explica toda a diferença no acesso à escola entre os dois grupos. Com essa finalidade, será introduzida a renda familiar *per capita* como variável de controle para observar se as diferenças no acesso à escola tendem a desaparecer ao igualar os grupos de cor por esse critério. Os dados pertinentes encontram-se na Tabela 3. Esta tabela omite os dados referentes à faixa mais alta de renda familiar *per capita*, de mais de 3 salários mínimos, já que o pequeno número de casos nessa categoria provoca oscilações erráticas nas percentagens.

Como era de se esperar, observa-se que, com o aumento da renda familiar *per capita*, diminui a proporção de crianças que não têm acesso à escola nos três grupos de cor e em todas as idades consideradas. Entre as crianças provenientes das famílias mais pobres, com renda familiar *per capita* inferior a 1/4 do salário mínimo (SM), a proporção dos que nunca ingressaram na escola na faixa etária de 11 a 14 anos é superior a 10% entre os brancos e supera 20% entre os pretos e os pardos. No outro extremo, das crianças dessa mesma idade oriundas das famílias mais ricas, de 1 a 3 SM, o acesso à escola é quase geral, caindo a falta de acesso para proporções inferiores a 2% nos três grupos de cor. Além disso, o resultado mais importante que surge desses dados é que, mesmo controlando essa variável de posição sócio-econômica das famílias, subsiste um diferencial de acesso à escola entre brancos e não-brancos. Esse diferencial tende a atingir seu grau máximo entre

TABELA 3

Percentagem do número de pessoas de 7 a 14 anos que nunca freqüentaram a escola, segundo renda familiar per capita, cor e idade
Brasil, 1982

FAIXA DE RENDA (em s.mínimos) E COR	IDADE							
	7	8	9	10	11	12	13	14
até 1/4								
brancos	56,3	30,0	19,9	14,7	12,1	13,6	11,3	12,0
pretos	62,2	47,5	35,5	30,8	21,8	28,6	24,5	22,5
pardos	64,9	45,1	33,7	29,0	22,1	24,2	20,6	21,7
1/4 a 1/2								
brancos	41,0	12,5	8,0	5,1	4,5	4,9	3,6	4,8
pretos	46,8	27,3	11,7	11,2	11,4	9,5	10,2	3,4
pardos	47,9	24,9	14,1	11,2	8,7	10,0	10,2	9,8
1/2 a 1								
brancos	30,5	5,5	2,6	2,0	1,4	1,5	1,2	1,2
pretos	38,6	7,6	8,8	6,7	0,8	2,7	2,5	3,1
pardos	41,1	11,3	6,7	8,2	5,4	4,0	4,7	4,1
1 a 3								
brancos	19,9	1,8	1,4	0,8	0,7	0,7	0,9	0,9
pretos	31,2	2,6	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	4,5
pardos	21,7	4,8	3,5	1,0	0,0	1,5	1,8	1,1

Fonte: PNAD 1982.

as crianças provenientes das famílias mais pobres. Olhando novamente para o grupo etário de 11 a 14 anos, nota-se que entre as crianças de famílias com renda familiar inferior a 1/4 SM, a desvantagem no acesso à escola de pretos e pardos com relação aos brancos é da ordem de 10%. Esse diferencial diminui para perto de 5% na faixa seguinte de renda, de 1/4 a 1/2 SM e cai ainda mais nas duas faixas de renda mais altas, igualando-se as oportunidades de acesso entre brancos e não-brancos na faixa de renda de 1 a 3 salários mínimos.

Seja como for, em igualdade de condições sócio-econômicas, existe um diferencial racial nas oportunidades de obter ingresso no sistema de ensino. A natureza dos dados da PNAD não permite elucidar as causas dessa diferença. Contudo, como se trata da fase inicial das trajetórias educacionais, onde o que está em jogo é ingressar ou não no sistema formal de ensino, essa diferença dificilmente poderia ser atribuída aos processos de discriminação racial que operam dentro da escola, levando a pensar em fatores que operam dentro da família e que condicionam diferenças na propensão de famílias brancas e não-brancas na busca de escolas para matricularem suas crianças³.

TRAJETÓRIA E SITUAÇÃO ESCOLAR

Tendo já dimensionado o problema do acesso ao sistema de ensino e quantificado a incidência diferencial da falta de acesso para as crianças brancas e não-brancas, a etapa que segue deve considerar alguns aspectos da trajetória e situação escolar daqueles que conseguiram ingressar na escola. A maioria dos diagnósticos sobre o funcionamento do sistema de ensino de 1º grau aponta para a concentração desproporcional de matrículas e alunos nas primeiras séries desse grau como um aspecto de sua baixa produtividade. Isto significa que, do total dos que ingressaram na primeira série, poucos serão os que vão concluir a oitava e

última série do 1º grau. Os dados da PNAD 82 confirmam esta idéia: considerando o total de pessoas até 24 anos de idade que freqüentavam alguma série do 1º grau, para cada 100 alunos que cursavam a primeira série, havia somente 45 cursando a quarta série e apenas 21 na oitava série. Esses mesmos números para os grupos de cor eram 100 — 57 — 29 para os brancos, 100 — 35 — 13 para os pretos e 100 — 36 — 13 entre os pardos. Claramente, a estrutura da matrícula por série dos dois grupos não-brancos está mais concentrada nas séries iniciais e é muito mais afunilada nas séries mais avançadas do 1º grau. Isto é indicação de que, no total dos que ingressam no 1º grau, a proporção de pretos e pardos que conseguem concluir esse grau é substancialmente menor que a dos brancos.

Poder-se-ia pensar novamente que a maior concentração de crianças pretas e pardas nas camadas mais pobres da população explicam essa diferença de resultados escolares. Para considerar esta possibilidade, é conveniente introduzir uma variável que controle a situação sócio-econômica das famílias a que as crianças pertencem. Os dados da Tabela 4 mostram a proporção das pessoas de 7 a 14 anos de idade que freqüentam as três primeiras séries do 1º grau, segundo a cor e a renda média familiar *per capita*.

3 Não descontamos a possibilidade de que as rotinas burocráticas das escolas para matricular as crianças na primeira série do 1º grau tenham alguma influência nesta desvantagem das crianças não-brancas para ingressar na escola. Outro fator que pode influir relaciona-se à diferente distribuição geográfica dos grupos de cor. É possível pensar que crianças pobres, residentes nas regiões mais pobres do país, tenham mais dificuldades para entrar nas escolas do que as crianças pobres residentes em regiões mais desenvolvidas, onde o sistema escolar tem uma cobertura mais abrangente. Neste sentido, interessa ressaltar que apenas 14,8% das crianças brancas de 7 a 14 anos moram na região Nordeste, ao passo que 31,3% dos pretos e 46,7% dos pardos residem nessa região.

TABELA 4

Percentagem do número de pessoas de 7 a 14 anos que freqüentam as três primeiras séries do 1º grau, segundo renda familiar per capita e cor Brasil, 1982

FAIXA DE RENDA (em s.mínimos)	COR		
	BRANCOS	PRETOS	PARDOS
até 1/4	78,3	86,2	84,5
1/4 a 1/2	63,2	73,3	71,8
1/2 a 1	52,1	60,3	60,3
1 a 3	44,4	54,0	51,5

Fonte: PNAD 1982.

Estes dados mostram, em primeiro lugar, forte associação positiva entre o *status* sócio-econômico das famílias e a velocidade de progressão dentro da escola. Apenas reparando nas duas faixas extremas de renda nota-se, nos três grupos de cor, que, ao passar de menos de 1/4 SM para o nível de 1 a 3 SM, ocorre um ganho superior a 30% na proporção de crianças que cursam as séries mais avançadas do 1º grau.

Em segundo lugar, nota-se que, dentro de cada um dos níveis de renda média familiar, há uma proporção mais elevada de pretos e pardos cursando as três séries iniciais. Considerando os mesmos níveis de renda, a vantagem do grupo branco em relação a pretos e pardos oscila entre um mínimo de 6,2% e um máximo de 10,1%. Diferentemente do que ocorria com o problema do acesso à escola, esta diferença na velocidade de promoção dentro da escola do alunado branco e não-branco parece estar indicando a atuação de mecanismos discriminatórios dentro das escolas e do sistema de ensino como um todo⁴.

Outro aspecto da baixa produtividade do sistema de ensino do 1º grau e da lenta progressão escolar das crian-

ças em idade escolar obrigatória, particularmente dos não-brancos, emerge ao considerar o atraso escolar. Os dados a esse respeito figuram na Tabela 5, onde se distingue, para cada ano de idade entre 7 e 14, a proporção de crianças que cursam a escola sem atraso, com atraso de até duas séries e os que experimentam mais de duas séries de atraso. O atraso foi calculado relacionando-se a idade com a série freqüentada, na suposição de que as crianças de 7 anos deveriam estar cursando a 1ª série, as de 8 anos a 2ª série e assim sucessivamente até chegar aos de 14 anos, cursando a 8ª e última série.

Dado o procedimento usado para medir o atraso, todas as crianças de 7 anos que freqüentam alguma série não experimentam atraso por definição. Aos 8 anos de idade, porém, pouco mais da metade das crianças brancas e acima de 70% das não-brancas já apresentam uma série de atraso. A partir dessa idade, começa a se avolumar a proporção de crianças com atraso escolar nos três grupos de cor e, de maneira mais acentuada, entre os não-brancos. Já aos 10 anos de idade, aparece uma proporção

4 Também aqui a natureza dos dados da PNAD não permite elucidar os tipos de mecanismos de discriminação que operam dentro das escolas. Há evidências, provenientes de outros estudos, de que as escolas que formam a rede pública do 1º grau absorvem clientela socialmente heterogêneas. Assim, unidades escolares com predomínio de alunos pobres e não-brancos têm uma norma de baixo desempenho e produzem o fracasso escolar de sua clientela. Inversamente, as escolas onde predomina uma clientela de extração social mais elevada apresentam uma norma de alto desempenho. Ver a esse respeito Dias (1979). Outros fatores que devem influir no pior desempenho escolar dos alunos não-brancos são a auto-imagem negativa, resultante da internalização de estereótipos raciais, a atualização do preconceito racial dos professores na relação pedagógica com os alunos, que funciona como a profecia que se auto-realiza, e finalmente, o conteúdo racista dos livros didáticos.

TABELA 5

Distribuição percentual das pessoas de 7 a 14 anos que freqüentam escola, por atraso escolar, segundo cor e idade Brasil, 1982

COR E ATRASO ESCOLAR	IDADE							
	7	8	9	10	11	12	13	14
brancos								
sem atraso	100,0	48,5	39,0	31,3	27,6	23,3	21,0	20,8
de até 2 séries	—	51,5	61,0	53,4	48,5	43,7	41,8	38,4
de + de 2 séries	—	—	—	15,3	23,9	33,0	37,2	40,8
total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
pretos								
sem atraso	100,0	28,6	14,2	12,9	6,5	5,5	6,3	4,6
de até 2 séries	—	71,4	85,8	53,8	41,9	33,4	27,9	18,2
de + de 2 séries	—	—	—	33,3	51,6	61,1	65,8	77,2
total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
pardos								
sem atraso	100,0	27,7	18,6	12,5	9,8	8,2	6,3	6,1
de até 2 séries	—	72,3	81,4	52,3	41,3	32,6	29,3	24,6
de + de 2 séries	—	—	—	35,2	48,9	59,2	64,4	69,3
total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD 1982.

significativa (15,3% de brancos, 33,3% de pretos e 35,2% de pardos) que está cursando a escola com três ou mais séries de atraso. Nessas primeiras idades, dos 8 aos 10 ou 11 anos, boa parte do atraso escolar é devido ao ingresso tardio na escola e, como já vimos, as crianças não-brancas estão mais sujeitas a ingressar na escola com idade superior à legalmente definida como obrigatória. Contudo, ao ingresso tardio logo se sobrepõe o efeito das repetências na produção do atraso escolar, como o sugere o rápido decréscimo da proporção de crianças que não experimentam atraso escolar, decréscimo que é muito mais acentuado entre os pretos e pardos.

Estes dois fatores — ingresso tardio na escola e repetência — atuam cumulativamente na medida em que as crianças que ingressam na escola com mais idade estão mais sujeitas a ter uma trajetória escolar mais lenta e acidentada. É também evidente que este efeito cumulativo penaliza mais severamente as crianças pretas e pardas. Para ilustrar isto, basta considerar que, aos 13 ou 14 anos de idade, dois terços das crianças pretas e pardas estão freqüentando a escola com atraso de três ou mais séries, ao passo que isto ocorre com somente dois quintos dos brancos.

O último elemento de informação a ser apresentado nesta parte destina-se a oferecer um quadro geral da situação escolar das crianças dos três grupos de cor. Com essa finalidade, a Tabela 6 distingue, para cada ano de idade entre os 7 e os 14 anos, as proporções de crianças que nunca entraram na escola, as que estão freqüentando escola e às que já saíram da escola.

Para cada grupo de cor, a primeira linha, dos que nunca entraram, repete a informação já analisada ao considerar o problema da admissão à escola. A segunda linha, dos que freqüentam escola, nos informa a taxa de escolaridade

específica para cada idade. Partindo do nível de 60% para os brancos e aproximadamente 44% para pretos e pardos aos 7 anos de idade, essa taxa de escolaridade aumenta progressivamente até o máximo de quase 91% para o grupo branco aos 10 anos de idade e 79,5% para pretos e pardos aos 11 anos. O pico de freqüência nestas idades parece ocorrer quando se dá o acesso à escola dos retardatários, que nela ingressam com idade superior à prevista e quando o problema da evasão escolar ainda não assume dimensões sérias. A partir dessas idades, 10 anos para o grupo branco e 11 para pretos e pardos, a taxa de escolaridade começa a diminuir até os níveis de 72% para brancos, 62,5% para pretos e 64,4% para pardos. Como, dos onze anos em diante, a proporção dos que nunca entraram permanece relativamente estável, o declínio da freqüência se deve à evasão escolar. Isto é o que indica a terceira linha, com as proporções dos que já saíram da escola. Nas idades mais jovens, de 7 a 9 anos, a dimensão do problema da evasão é reduzida, não ultrapassando o nível de 3%. Contudo, a partir dos 10 anos de idade, a proporção dos que se evadem da escola tende a aumentar de níveis próximos a 3 ou 4% até atingir proporções algo superiores a 20% aos 14 anos de idade. É nestas idades que, seja pela necessidade das famílias, de que suas crianças ingressem no mundo do trabalho, seja pelo acúmulo de repetências que redundam no fracasso escolar, as crianças começam a abandonar a escola. Note-se, porém, que a dimensão do problema da evasão é aproximadamente a mesma nos três grupos de cor. O que ocorre com as crianças não-brancas é que, por terem ingressado na escola com mais idade e por terem ficado retidas mais tempo dentro do sistema escolar, devido às repetências, elas chegam aos 14 anos de idade com um número médio de séries completadas bastante inferior ao dos brancos, como foi visto na Tabela 1.

TABELA 6

Distribuição percentual das pessoas de 7 a 14 anos, por situação escolar, segundo cor e idade
Brasil, 1982

COR E SITUAÇÃO DE FREQUÊNCIA À ESCOLA	IDADE							
	7	8	9	10	11	12	13	14
brancos								
nunca freqüentou	39,2	14,7	9,5	6,8	5,4	6,0	4,8	5,0
freqüenta	60,5	84,1	88,7	90,8	90,2	84,5	79,1	71,7
não freqüenta mais	0,3	1,2	1,8	2,4	4,4	9,5	16,1	23,3
total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	(1491320)	(1396696)	(1369758)	(1466687)	(1387026)	(1412990)	(1359104)	(1338741)
pretos								
nunca freqüentou	54,7	35,8	24,3	20,7	14,5	17,9	15,1	15,5
freqüenta	44,6	62,9	72,7	76,5	79,5	73,6	68,5	62,5
não freqüenta mais	0,7	1,3	3,0	2,8	6,0	8,5	16,4	22,0
total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	(195867)	(199479)	(190190)	(208515)	(200275)	(217026)	(180625)	(191405)
pardos								
nunca freqüentou	55,6	33,8	23,6	20,3	14,9	16,2	14,0	13,9
freqüenta	43,6	64,6	73,5	75,7	79,6	75,2	71,7	64,4
não freqüenta mais	0,8	1,6	2,9	4,0	5,5	8,6	14,3	21,7
total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	(1191889)	(1164034)	(1107730)	(1151390)	(1026978)	(1117905)	(1034948)	(1035825)

Fonte: PNAD 1982.

CONCLUINDO

Neste trabalho procuramos analisar as desigualdades na apropriação das oportunidades educacionais no Brasil em termos dos componentes de sua dinâmica. As informações da PNAD 82 indicaram que, no que diz respeito ao acesso ao sistema escolar, uma proporção mais elevada de crianças não-brancas ingressa tardiamente na escola. Além disso, a proporção de pretos e pardos que não têm acesso algum à escola é três vezes maior que a dos brancos. Estas desigualdades não podem ser explicadas nem por fatores regionais, nem pelas circunstâncias sócio-econômicas das famílias. Embora uma melhor situação sócio-econômica reduza a proporção de crianças que não têm acesso à escola independentemente de sua cor, ainda persiste uma diferença clara nos níveis gerais de acesso entre crianças brancas e não-brancas, mesmo nos níveis mais elevados de renda familiar *per capita*.

A análise da repetência mostrou que, acumulando-se ao efeito do acesso tardio, o resultado é o de uma experiên-

cia de trajetória escolar mais lenta e acidentada entre as crianças pretas e pardas: ao final do período de escolaridade obrigatória, dois terços ou mais de crianças pretas e pardas estão freqüentando a escola com atraso de três ou mais séries, enquanto que isto ocorre com apenas dois quintos dos brancos.

A partir dos 10 anos de idade a proporção dos que abandonaram a escola — seja pelo acúmulo de repetências, seja pela necessidade de trabalhar — tende a aumentar rapidamente. O problema de evasão escolar, porém, é aproximadamente a mesma nos três grupos de cor. Com isso, resulta que as crianças não-brancas, por terem um nível de repetências mais elevado, chegam ao ponto de saída do sistema escolar com um número médio de séries completadas muito inferior ao das crianças brancas. Estas diferenças na dinâmica da trajetória escolar resultam nas profundas desigualdades educacionais que separam brancos e não-brancos na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Z. *O estado da arte da pesquisa sobre evasão e repetência no ensino de 1º grau no Brasil (1971-1981)*: relatório técnico. Rio de Janeiro, IUPERJ/INEP, 1982. 2v.
- CADERNOS DE PESQUISA. *Raça negra e educação*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas (63), nov., 1987.
- DIAS, M.T.R. *Desigualdades sociais e oportunidade educacional: a produção do fracasso*. Rio de Janeiro, 1979. Dissert. (mestr.) IUPERJ.
- FLETCHER, P.R. & RIBEIRO, S.C. *O ensino de 1º grau no Brasil de hoje*. Brasília, 1987. mimeo.
- FUNDAÇÃO IBGE. *PNAD 1982*. Rio de Janeiro, 1983.
- HASENBALG, C. & SILVA, N.V. *Estrutura social, mobilidade e raça*. São Paulo/Rio de Janeiro, Vértice/IUPERJ, 1988.
- MARE, R. Social background and school continuation decisions. *Journal of the American Statistical Association* (75):295-305, 1980.
- MELO, R.C. & COELHO, R.C.F. (orgs.). *Educação e discriminação dos negros*. Belo Horizonte, Inst. de Recursos Humanos João Pinheiro, 1988.
- NEGRÃO, E.V. Preconceitos e discriminações raciais em livros didáticos e infanto-juvenis. In: ROSEMBERG, F. et al. *Diagnóstico sobre a situação educacional de negros (pretos e pardos) no Estado de São Paulo*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1986. 2v.
- ROSEMBERG, F. et al. *Diagnóstico sobre a situação educacional de negros (pretos e pardos) no Estado de São Paulo*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1986. 2v.
- SILVA, A.C. *Os estereótipos e o preconceito em relação ao negro no livro de Comunicação e Expressão de 1º grau, nível 1*. Salvador, 1988. Dissert. (mestr.) Fac. Educação/UFBA.
-